



LEIGH BARDUGO

AUTORA SENSACÃO DO GRISHAVERSE

REINO & CORRUPTO

LIVRO 2

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso sexual

Capacitismo

Discriminação e
perseguição

Explosões

Genocídio

Luto

Morte

Rapto

Servidão

Tortura

Tráfico humano (crianças)

Vício em drogas

Vício no jogo

Violência

*Dedicado à Holly e à Sarah, que me
ajudaram a construir; à Noa, que garantiu
que as paredes permaneciam de pé;
à Jo, que me manteve de pé também.*

PARTE UM

REJEIÇÃO

I

RETVENKO

Retvenko encostou-se ao balcão e enfiou o nariz no copo sujo. O whisky não conseguiu aquecê-lo. Não havia nada naquela maldita cidade que pudesse aquecê-lo. E era impossível escapar àquele fedor, uma mistura sufocante a porão de navio, moluscos e pedras molhadas que parecia ter penetrado em todos os seus poros, como se ele tivesse mergulhado no esgoto da cidade, a pior mixórdia de que havia memória.

Era mais perceptível no Barrel, e sobretudo num antro miserável como aquele — uma taberna exígua encravada no piso inferior de um dos edifícios mais sombrios daquele bairro degradado, com o teto encurvado pelo tempo e pela construção precária, as vigas enegrecidas pela fuligem de uma lareira que há muito perdera o uso, a chaminé entupida por detritos. O chão estava coberto de serradura para absorver a cerveja derramada, o vômito e tudo o mais que os clientes nele pudessem projetar. Retvenko perguntou-se há quanto tempo as tábuas não eram varridas. Enterrou o nariz ainda mais profundamente no copo, inalando o perfume doce do whisky reles. Os seus olhos lacrimejaram.

— É para beber, não é para inalar — disse o taberneiro, com uma gargalhada.



Retvenko pousou o copo e olhou para o homem com os olhos turvos. Tinha o pescoço grosso e o peito largo, um verdadeiro brutamontes. Retvenko já o tinha visto atirar mais do que um cliente arruaceiro para a rua, mas era difícil levá-lo a sério quando ele envergava os paramentos absurdos que tanto agradavam aos jovens do Barrel — uma camisa cor-de-rosa com mangas que pareciam prestes a rebentar sob a pressão dos bíceps salientes e um colete xadrez vermelho e cor de laranja berrante. O homem dava uns ares de caranguejo dândi.

— Diga-me — disse Retvenko. O seu Kerch já era sofrível, mas só piorou depois de alguns copos. — Porque cheira esta cidade tão mal? Cheira a sopa azeda. A uma pia cheia de pratos sujos.

O taberneiro riu-se.

— Ketterdam é assim mesmo. Vai habituar-se.

Retvenko abanou a cabeça. Não queria habituar-se à cidade nem ao seu fedor. O seu trabalho com o conselheiro Hoede havia sido monótono, mas pelo menos os seus aposentos eram secos e quentes. Na qualidade de Grisha contratado, Retvenko levava uma vida confortável, com a barriga sempre cheia. Na altura, amaldiçoava Hoede, entediado com o trabalho de acompanhar as cargas preciosas do mercador no mar, ressentido com os termos do seu contrato, o acordo tolo que tinha feito para sair de Ravka após a guerra civil. Mas agora? Agora, não conseguia deixar de pensar na oficina Grisha na casa de Hoede, no fogo que queimava alegremente na lareira, no pão escuro servido com muita manteiga e fatias grossas de presunto. Quando Hoede morreu, o Conselho Mercantil de Kerch permitiu que Retvenko fizesse viagens marítimas para pagar a revogação do seu contrato. Recebia uma miséria, mas não tinha alternativa. Era um Grisha Squaller numa cidade hostil, sem nenhuma habilidade além dos dons com que nascera.



— Mais um? — perguntou o taberneiro, apontando para o copo vazio.

Retvenko hesitou. Não devia desperdiçar o seu dinheiro. Se fosse poupado, só precisaria de fazer mais uma viagem, talvez duas, e teria dinheiro suficiente para revogar o seu contrato e comprar uma passagem para Ravka num beliche de terceira classe. Não precisava de mais.

Tinha menos de uma hora para se apresentar no cais. Havia previsão de tempestades, por isso, a tripulação contaria com Retvenko para dominar as rajadas de vento e orientar o navio em segurança até ao porto de destino. Não sabia qual era e tão pouco se importava com isso.

O comandante daria as coordenadas; Retvenko enfunaria as velas ou acalmaria os céus. E depois receberia o seu pagamento. Mas os ventos ainda não se faziam sentir. Talvez pudesse dormir durante a primeira parte da viagem. Retvenko bateu no balcão e acenou com a cabeça. A carne é fraca, e ele merecia algum conforto neste mundo.

— Não sou um moço de recados — murmurou.

— O quê? — perguntou o taberneiro enquanto servia outra bebida.

Retvenko dispensou-o com um aceno de mão. Aquele indivíduo, aquele brutamontes, nunca compreenderia. Ele trabalhava como um cão na obscuridade. A troco de quê? Uma moeda a mais no bolso? Um olhar terno de uma rapariga bonita? Ele não sabia nada sobre a glória da batalha, o que era ser reverenciado.

— É Ravkan?

Através da névoa criada pelo whisky, Retvenko ficou em alerta.

— Porquê?

— Por nada. Só parece ser de Ravka.

Retvenko fez um esforço consciente para se acalmar. Muitos Ravkans passavam por Ketterdam à procura de trabalho. Não



havia nada nele que indicasse que era um Grisha. A sua cobardia causou-lhe repulsa — por si mesmo, pelo taberneiro, pela cidade.

Só queria estar sentado a apreciar a sua bebida. Não havia ninguém na taberna que pudesse atacá-lo e, apesar dos músculos do taberneiro, Retvenko sabia que facilmente levaria a melhor sobre ele. Mas para um Grisha, até ficar parado podia ser sinónimo de problemas. Recentemente, tinham começado a correr rumores de mais desaparecimentos em Ketterdam — Grisha que desapareciam das ruas ou de suas casas, provavelmente capturados por traficantes de escravos e vendidos a quem desse mais. Retvenko não teria o mesmo destino, não quando estava tão perto de comprar a sua liberdade e a viagem de volta para Ravka.

Acabou de beber o whisky, atirou uma moeda para o balcão e levantou-se do banco. Não deixou gorjeta. Um homem podia trabalhar para ganhar a vida.

Retvenko sentiu-se um pouco instável ao sair, e o cheiro húmido do ar não ajudou. Baixou a cabeça e encaminhou-se para o Quarto Porto, permitindo que o passeio lhe aclarasse a mente. *Mais duas viagens*, repetiu para si mesmo, *mais algumas semanas no mar, mais alguns meses nesta cidade*. Arranjaria forma de tornar isso suportável. Perguntou-se se alguns dos seus velhos amigos estariam à sua espera em Ravka. Diziam que o jovem rei estava a distribuir indultos como se fossem rebuçados, ansioso para reconstruir o Segundo Exército, o exército Grisha que havia sido dizimado pela guerra.

— Só mais duas viagens — disse ele para ninguém, batendo com as botas contra a humidade da primavera. Como era possível estar tanto frio e haver tanta humidade nesta época do ano? Viver nesta cidade era como estar encurralado na axila gélida de um gigante do gelo. Passou por Grafcanal, tremendo ao avistar a Ilha do Véu Negro escondida na curva da água. Era ali que outrora os ricos de Kerch tinham enterrado os seus mortos, em pequenas casas de pedra acima do nível da água. Algum truque do



clima mantinha a ilha envolta em névoas mutantes, e havia rumores de que o lugar era assombrado. Retvenko acelerou o passo. Ele não era um homem supersticioso — quando se tem poder como ele, não há motivo para temer o que pode esconder-se nas sombras — mas quem gosta de passar por um cemitério?

Agasalhou-se mais no casaco e estugou o passo por Havenstraat, mantendo-se alerta aos movimentos em cada beco sinuoso. Em breve estaria de volta a Ravka, onde poderia passear pelas ruas sem medo. Desde que conseguisse o seu indulto, claro está.

Retvenko contorceu-se desconfortavelmente no casaco. A guerra tinha colocado Grisha contra Grisha, e a sua facção tinha sido particularmente brutal. Ele tinha assassinado antigos camaradas, civis, até crianças. Mas o passado é passado. O Rei Nikolai precisava de soldados, e Retvenko era um excelente soldado.

Acenou com a cabeça ao guarda escondido na pequena cabina na entrada do Quarto Porto e olhou por cima do ombro, certificando-se de que não tinha sido seguido. Passou pelos contentores de carga até chegar às docas, encontrou o seu cais e ficou na fila para dar o seu nome ao imediato. Retvenko reconheceu-o de viagens anteriores, sempre atarefado e mal-humorado, com o pescoço magro a sair da gola do casaco. Trazia uma pilha grossa de documentos, e Retvenko reparou no selo de cera roxo de um dos membros do Conselho Mercantil de Kerch. Naquela cidade, aqueles selos eram mais valiosos do que ouro, garantindo os melhores ancoradouros no porto e acesso preferencial às docas. E porque tinham os conselheiros conquistado tanto respeito e vantagens? Porque tinham dinheiro. Porque as suas missões eram lucrativas para Ketterdam. O poder significava algo mais em Ravka, onde os elementos se curvavam à vontade dos Grisha e o país era governado por um rei legítimo, em vez de um grupo de mercadores arrivistas. É verdade que Retvenko tinha tentado destronar o pai do rei, mas o argumento não deixava de ser válido.



— Ainda não estamos prontos para o resto da tripulação — disse o imediato, quando Retvenko se apresentou. — Podes aquecer-te no escritório do capitão do porto. Estamos à espera do sinal do Conselho das Marés.

— Bom para vocês — disse Retvenko, sem se impressionar. Olhou para uma das torres de obelisco negras que se erguiam sobre o porto. Se houvesse alguma hipótese de o poderoso Conselho das Marés o ver da sua torre de vigia, ele teria deixado claro o que pensava com alguns gestos bem escolhidos. Supostamente, também eles eram Grisha, mas alguma vez tinham levantado um dedo para ajudar os outros Grisha da cidade? Para ajudar aqueles que estavam em dificuldades e que talvez agradecessem um gesto de bondade? — Não, nunca — respondeu a si mesmo.

O imediato estremeceu.

— *Ghezen*, Retvenko. Estiveste a beber?

— Não.

— Cheiras a whisky.

Retvenko cheirou-se.

— Só um nadinha.

— Põe-te sóbrio. Bebe um café ou toma uma *jurda* forte. Este algodão tem de estar em Djerholm dentro de duas semanas, e não estamos a pagar-te para curares a bebedeira no porão. Entendido?

— Sim, sim — disse Retvenko com um aceno de mão, já a dirigir-se para o escritório do capitão do porto. Mas quando estava a poucos passos de distância, sacudiu o pulso. Um pequeno remoinho apanhou os papéis que o imediato tinha na mão, fazendo-os voar sobre as docas.

— Raios! — gritou ele, enquanto corria sobre as tábuas de madeira, tentando apanhar as páginas do seu manifesto antes que fossem levadas pelo vento para o mar.

Retvenko esboçou um sorriso escarninho, e depois sentiu uma onda de tristeza tomar conta dele. Era um gigante entre



homens, um Squaller talentoso, um grande soldado, mas ali não passava de um *assalariado*, um Ravkan velho e triste que mal falava Kerch e bebia mais do que a conta. *Casa*, disse a si mesmo. *Em breve, estarei em casa*. Haveria de conseguir o seu indulto e provaria o seu valor mais uma vez. Lutaria pelo seu país. Dormiria sob um teto que não gotejava e usaria uma *kefta* de lã azul forrada com pele de raposa prateada. Voltaria a ser Emil Retvenko, não aquela sombra patética.

— Há café — disse o funcionário quando Retvenko entrou no escritório do capitão do porto, apontando para uma cafeteira de cobre no canto.

— Chá?

— Há café.

Este país. Retvenko encheu uma caneca com o líquido escuro, mais para aquecer as mãos do que qualquer outra coisa. Não suportava o sabor, certamente não sem uma boa dose de açúcar, que o capitão do porto se esquecera de disponibilizar.

— O vento está a levantar — disse o funcionário quando um sino tocou lá fora, agitado pela brisa que ganhava força.

— Tenho ouvidos — resmungou Retvenko.

— Não devemos sentir grande coisa aqui, mas assim que saírem do porto...

— Silêncio — disse Retvenko, bruscamente. Pôs-se de pé, a ouvir.

— O que foi? — perguntou o funcionário. — Há...?

Retvenko levou um dedo aos lábios.

— Alguém está a gritar. — O som tinha vindo de onde o navio estava atracado.

— São apenas gaivotas. O sol está a nascer e...

Retvenko levantou a mão e uma rajada de ar empurrou o funcionário contra a parede.

— *Silêncio*, já disse.



O funcionário ficou boquiaberto, preso às ripas.

— Tu és o Grisha que eles contrataram para integrar a tripulação?

Pelos Santos, teria Retvenko de tirar o ar dos pulmões daquele rapaz e sufocá-lo até ele se calar?

Através das janelas enceradas, Retvenko viu o céu a clarear com o amanhecer. Ouviu o grasnar das gaivotas em busca do pequeno-almoço nas ondas. Talvez o álcool tivesse toldado o seu discernimento.

Retvenko deixou o funcionário cair no chão. Tinha derramado o café, mas não se deu ao trabalho de servir outra caneca.

— Eu disse que não era nada — tornou o funcionário, enquanto se levantava com dificuldade. — Escusavas de te ter irritado. — O rapaz sacudi a poeira da roupa e voltou para o seu lugar atrás da secretária. — Nunca tinha visto um de vocês. Um Grisha.

Retvenko resfolegou. Certamente que sim, mas claro que não dera por ele.

— Ganhas bem nas viagens?

— Não o suficiente.

— Eu... — Mas o que quer que o funcionário fosse dizer, foi abafado pela explosão na porta do escritório, que se desfez numa chuva de estilhaços.

Retvenko levantou as mãos para proteger a cara. Baixou-se e rebolou para se esconder atrás da secretária. Uma mulher entrou no escritório — cabelos negros, olhos dourados. *Shu*.

O funcionário pegou na espingarda que Retvenko viu presa debaixo da secretária.

— Eles querem o dinheiro dos pagamentos! — gritou. — Ninguém vai levar o dinheiro dos pagamentos.

Retvenko ficou a ver, em choque, quando o funcionário magricela se levantou como uma espécie de vingador e abriu fogo. Céus, nada mexia mais com os Kerch do que o dinheiro.



Espreitou por trás da secretária a tempo de ver o tiro a acertar em cheio no peito da mulher. Ela foi projetada para trás e colidiu com o batente da porta, antes de cair no chão. Retvenko sentiu o cheiro forte da pólvora, o cheiro metálico do sangue. O seu estômago contorceu-se num nó vergonhoso. Há muito tempo que ele não via alguém a ser baleado à sua frente — e isso tinha sido em tempos de guerra.

— Ninguém vai levar o dinheiro dos pagamentos — repetiu o funcionário com satisfação.

Mas antes que Retvenko pudesse responder, a mulher Shu envolveu a mão ensanguentada na moldura da porta, levantando-se com dificuldade.

Retvenko pestanejou. Quantos copos de whisky tinha ele bebido?

A mulher avançou. Através do que restava da sua blusa esfarapada, Retvenko viu sangue, carne marcada pelo chumbo grosso e o brilho do que parecia ser metal.

O funcionário tentou recarregar a arma, mas a mulher foi mais rápida. Tirou-lhe a arma das mãos e atingiu-o com ela, atirando-o para o lado com uma força terrível. Livrou-se da arma e voltou os olhos dourados para Retvenko.

— Leva o dinheiro dos pagamentos! — gritou Retvenko, enquanto recuava. Enfiou a mão no bolso e atirou-lhe a carteira quase vazia. — Leva o que quiseres.

A mulher esboçou um ligeiro sorriso — seria pena ou divertimento? Retvenko não sabia. Mas percebeu que ela não estava ali pelo dinheiro. Estava ali por ele. E fosse uma traficante de escravos, uma mercenária ou algo completamente diferente, ela enfrentaria um soldado, não um cobarde.

Levantou-se, com os músculos a responderem com relutância às suas ordens, e assumiu uma postura de combate. Os seus braços arquearam-se para a frente. Uma ventania uivante varreu



a sala, atirando uma cadeira, depois a mesa do funcionário e, por último, a cafeteira fumegante em direção à mulher. Ela afastou cada um dos objetos com pouco interesse, como se estivesse a afastar teias de aranha.

Retvenko concentrou o seu poder e empurrou ambas as mãos para a frente, sentindo os ouvidos a estalarem quando a pressão caiu e o vento aumentou numa nuvem tempestuosa. Talvez a mulher não pudesse ser travada por balas. Veremos como se sai contra a fúria de uma tempestade.

A mulher rosnou quando se sentiu assolada pela tempestade e foi projetada para trás através da porta aberta. Agarrou-se ao bante, tentando manter-se firme.

Retvenko riu-se. Tinha-se esquecido de como era bom estar envolvido numa luta. Foi então que, atrás de si, ouviu um estrondo, o guincho de pregos arrancados e de madeira a ser rasgada. Olhou por cima do ombro e teve um breve vislumbre do céu ao amanhecer, do cais. A parede tinha desaparecido.

Braços fortes agarraram-no, prendendo as suas mãos ao lado do corpo e impedindo-o de usar o seu poder. Estava a subir, a voar, com o porto a minguar por baixo dele. Viu o telhado do escritório do capitão do porto, o corpo do imediato num monte no cais, o navio em que Retvenko deveria ter embarcado — o convés uma confusão de tábuas partidas, corpos empilhados perto dos mastros destruídos. Os seus atacantes tinham passado por ali primeiro.

Sentiu o ar frio na cara; o coração a bater a um ritmo irregular nos ouvidos.

— Por favor — implorou, enquanto subiam cada vez mais alto, sem saber ao certo por que suplicava. Com medo de se mexer muito ou muito repentinamente, esticou o pescoço para olhar para seu captor. Retvenko soltou um gemido aterrorizado, algo entre um soluço e o guincho em pânico de um animal preso numa armadilha.



O homem que o agarrava era Shu, o cabelo preto preso num coque apertado, os olhos dourados semicerrados contra o vento forte — e das suas costas emergiam duas asas enormes que batiam contra o céu, articuladas, graciosamente trabalhadas em filigrana prateada e lona esticada. Seria um anjo? Um demónio? Uma qualquer estranha máquina que ganhara vida? Retvenko tinha simplesmente enlouquecido?

Nos braços do seu captor, Emil Retvenko viu a sombra que ambos projetavam sobre a superfície cintilante do mar: duas cabeças, duas asas, quatro pernas. Tornara-se uma grande fera, mas uma fera que haveria de o devorar. As suas preces transformaram-se em gritos, nem estes nem aquelas atendidos.





Kaz e o seu grupo de marginais
mortíferos concretizaram
um assalto tão ousado que
nem eles próprios sabem
como sobreviveram...

Mas, em vez de receberem uma generosa recompensa,
acabaram traídos, sem aliados e em perigo de vida.
Agora, à medida que forças poderosas descem
sobre Ketterdam, uma guerra será travada
nas ruas escuras da cidade.

**Com a ajuda do cérebro de Kaz e das
incríveis capacidades da sua equipa, começa
uma batalha por vingança e redenção
que decidirá o destino do mundo Grisha.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretstocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-467-3



9 789895 894673

